

PSICANÁLISE E PERCEPÇÃO

Rafael Raffaelli

Professor Titular do Departamento
de Psicologia, doutor em Psicologia
Clínica pela PUC/SP.

RESUMO

Freud supõe duas diferentes formas para explicar o processo perceptivo. A primeira teoria da percepção aparece no "Projeto Para Uma Psicologia Científica" de 1895, e advoga a igualdade entre percepção e consciência; a segunda teoria da percepção tem sua origem na Carta 52 a Fliess e admite a existência de uma percepção inconsciente. Duas possíveis causas da oscilação das teses freudianas sobre a atividade perceptiva são presumidas: a definição de realidade e a crença na telepatia. São apontadas algumas eventuais influências sofridas por Freud nas suas definições de percepção. Também são analisadas, brevemente,

ABSTRACT

Freud supposes two different theories to explain the perceptive process. The first theory of perception appears in the "Project for a Scientific Psychology" (1895) and advocates the equality between perception and consciousness; the second theory of perception has its origin in the Letter 52 to Fliess and admits the existence of an unconscious perception. Two possible causes of the oscillation of Freud's thesis about the perceptive activity are presumed: the definition of reality and his belief in telepathy. Some eventual influences suffered by Freud's definitions on perception are appointed. Some of the repercussions of the perceptual issue in Freud are also analysed in brief

Revista de Ciências Humanas	Florianópolis	v.12	n.16	p.77 - 104	1994
-----------------------------	---------------	------	------	------------	------

mente, algumas das repercussões da questão perceptiva, em Freud, nos textos de Ferenczi, Varendonck, Pözl e seguidores, e nos seminários e aulas de Lacan e Laplanche. Para finalizar, é hipotetizado o sistema Percepção-Narcisismo como substituto do sistema Pcpt.-Cs.

in the texts by Ferenczy, Varendonck, Pözl and followers, and in the seminars and classes of Lacan and Laplanche. To conclude it is hypothesized the system Perception-Narcisism as a substitute for the system Pcpt.-Cs.

Alguns dos conceitos, pouco estudados atualmente pela Psicanálise, são aqueles pelos quais Freud primeiro se adentrou pela Psicologia: percepção, memória, atenção e imagem. Com exceção desse último, revalorizado na perspectiva lacaniana, os demais caíram no limbo teórico, constituindo-se numa espécie de sucata psicanalítica.

Como exemplo dessa situação, um levantamento bibliográfico on line para o período 69/91, realizado no "Psychological Abstracts" e no "Mental Health Abstracts" - bases de dados que compilam material de alguns dos mais prestigiosos periódicos internacionais de Psicanálise em língua inglesa - revelou que num total de 15.406 trabalhos catalogados, que tratavam especificamente de temas psicanalíticos, apenas 29 possuíam em seus descritores (palavras-chave) um dos quatro conceitos citados. No Brasil, para o mesmo período, foram apurados na "Revista Brasileira de Psicanálise" - a mais antiga e influente publicação psicanalítica brasileira - somente 2 artigos que enfocassem essas temáticas.

Quase constituindo-se num capítulo à parte, os testes projetivos de base analítica, à frente deles o "Rorschach", compõe, o conjunto mais numeroso de estudos psicanalíticos sobre o campo de percepção. Esses trabalhos, entretanto, são limitados no que se refere ao desenvolvimento teórico dos conceitos básicos por dois motivos: primeiro, pela ênfase dada ao produto, e não à gênese e dinâmica, do processo projetivo; e, segundo, devido aos esforços visando à validação e normatização dos próprios instrumentos com finalidade prática, o que acaba por restringir o campo estudado, diminuindo o alcance de suas conclusões e generalizações.

Parte dessa situação pode-se atribuir à limitação imposta pela fórmula freudiana "Pcpt.=Cs." assimilada acriticamente por muitos psicanalistas. Mas será que essa formulação de Freud foi tão absoluta e inequívoca quanto parece?

Para responder essa questão, base das análises que se seguem, revisaremos os textos de Freud seguindo uma ordem cronológica.

Partiremos, então, do "Projeto Para Uma Psicologia Científica" de 1895, obra inacabada, renegada, que nem sequer recebeu um título de seu autor, e que só chegou à publicação em 1950, mas que, no entanto, contém em germe muitas das idéias desenvolvidas posteriormente por Freud.

Para um adequado adentramento ao texto não podemos nos esquecer que o objetivo manifesto de Freud é estabelecer uma psicologia como ciência da natureza (Naturwissenschaft) dentro dos padrões positivistas e que, para isso, ele plantea dois teoremas básicos: 1. a concepção quantitativa que postula uma Q externa sujeita às leis do movimento, e sua representante interna, a Qn, submetida ao princípio de inércia e à fuga do estímulo; 2. a teoria do neurônio, substrato material.

A junção desses dois teoremas resulta que os neurônios devem ser investidos por uma dada Qn e, em contrapartida, a estrutura neuronal funcionaria como uma barreira para a livre descarga dessa mesma Qn, o quê é conceituado por Freud como "barreira de contato".

A função de barreira acaba por diferenciar dois sistemas, um composto de neurônios permeáveis (chamados de phi) destinados à percepção, e outro, composto por neurônios impermeáveis (chamados psi) retentores de memória e sede dos processos psíquicos em geral. Nessa concepção o sistema nervoso tem duas funções receptoras: uma em relação aos estímulos externos (phi) e outra referenciada nas excitações endógenas (psi), o neurônio phi estaria, então, ligado apenas à periferia do organismo e o psi ao seu interior. Os complexos perceptivos, por sua vez, "se dividem uma parte constante e incompreendida - a coisa - e outra variável, compreensível - os atributos ou momentos da coisa." (Freud, 1895).

No sistema psi, por outro lado, a atuação dos processos de atração do desejo e a propensão ao recalque indicam a presença de uma organização que interfere no fluxo quantitativo de Qn e que possibilita a diferenciação entre percepção e lembrança: o ego, que Freud define como a soma-tória dos investimentos psi num dado momento.

De modo geral, toda atividade de pensamento acaba por constituir-se como uma *crença* ou *juízo de realidade*, cuja base são as sensações e imagens motoras proprioceptivas conscientizadas pelo ego. De qualquer forma, é impossível ao ego a assunção de um pensamento cognitivo isento de desejo, pois os afetos vêm interferir necessariamente nesse processo.

Finalmente, a conscientização está relacionada com as qualidades, isto é, com as variações das características sensoriais do modo externo (Q), e assim Freud presume um terceiro sistema de neurônios, responsável pela consciência, denominado ômega. Tais neurônios ômega atuariam como “órgãos de percepção”, sendo destituídos de memória, e sua função precípua seria a da “indicação de realidade” para o sistema psi, e assim, percepção igual a consciência, cronologicamente a *primeira teoria da percepção* na obra de Freud.

Passemos agora à tão discutida Carta 52, à qual Lacan, Laplanche e tantos outros atribuem importância crucial. É nessa carta a Fliess de 06/12/1896 que Freud propõe um outro modelo para o entendimento da atividade perceptiva, opondo-se a algumas das teses do “Projeto”.

Nesse modelo são supostos os seguintes registros psíquicos na estratificação perceptiva: percepções (W), indicação de percepção ou sinal perceptivo (Wz), inconsciência (Ub), pré-consciência (Vb) e consciência (Bws). Tais registros estão dispostos numa seqüência temporal, e o ato perceptivo se desenvolve a partir da excitação dos neurônios em direção à consciência (Freud, 1896).

Freud enfatiza que esses registros sucessivos remetem à fases do desenvolvimento do indivíduo, e que a passagem de um registro a outro só pode ser efetuada por intermédio de uma *tradução* do material psíquico traba-

lhado em diferentes linguagens. Isso significa que nessa concepção coexistem no processo perceptivo diversos níveis de apreensão do estímulo sensorial, numa espécie de anacronismo perceptual.

A suposição do processo perceptivo como transcorrendo em níveis sucessivos de registro para desembocar por último na consciência, isto é, que a percepção é um processo inconsciente, vem a se constituir na *segunda teoria da percepção* em Freud.

A partir de "A interpretação dos sonhos", mais propriamente de seu Capítulo VII, Freud desenvolve algumas das idéias do "Projeto" (vide Parte I-S.3) e da Carta 52, e são dignos de destaque a nota adicional de 1919 onde encontramos a célebre equação "Pcpt.=Cs." e o diagrama que ilustra esse tema, cujo propósito é demonstrar a idéia de "localização psíquica", evitando-se tomá-la como uma descrição anatômica (Freud, 1900).

Freud concebe o aparelho psíquico como um instrumento assemelhado ao telescópio, constituído de "instâncias" ou "sistemas psi", que em vez de corresponderem às lentes óticas, são melhor descritos como lugares virtuais, ou seja, imagens interpostas entre uma lente e outra, e que se dispõem numa "seqüência temporal", indicando um sentido ou direção aos sistemas-psi, pois parte de estímulos (externos ou internos) e culmina numa ação. Supõe-se, assim, duas extremidades: uma sensorial, ligada à recepção dos estímulos, e outra motora, destinada a reagir a eles, mecanismo esse cujo protótipo é o arco-reflexo.

O sistema Pcpt, recebe a estimulação mas não detém traço das excitações que o atingem, pois deve estar sempre desimpedido para a recepção de novos estímulos, sendo, assim, destituído de memória. A memória dos estímulos é preservada nos sistemas posteriores segundo a simultaneidade de suas ocorrências, isto é, por associação temporal. Dessa maneira, a origem das associações residiria nos sistemas Mnem, (mnêmicos), permitindo a transmissão dos estímulos de um sistema a outro. O primeiro

sistema Mnem. registra o estímulo por *simultaneidade temporal* enquanto que nos sistemas posteriores a associação se realiza por *relações de similaridade*.

Se durante a vida de vigília a orientação do aparelho psíquico segue uma direção "progressiva", isto é, partindo das percepções externas até a atividade motora, no sonho pode-se afirmar que essa direção é "regressiva", pois o aparelho passa a funcionar no sentido inverso, partindo das excitações internas e tomando-as como originárias do exterior, ativando, assim, a atividade motora até um determinado limiar. Dessa forma, o impulso gerado no Ics. se propaga em direção à extremidade perceptiva num movimento "regrediente" até atingir a "vividade sensorial", tendo transformado "pensamentos em imagens". A meta de regressão seria a obtenção de uma "identidade perceptiva" com os traços mnêmicos vinculados à satisfação de uma necessidade, e, desse modo, Freud evidencia três aspectos desse processo: o aspecto tópico, pela direção inversa da excitação nos sistemas-psi; o aspecto temporal, pelo retorno a estruturas psíquicas mais antigas; e o aspecto formal, pela retomada das maneiras primitivas de expressão.

É importante acrescentar que o processo teorizado (e seu diagrama) por Freud para descrever a dinâmica dos sonhos é também uma descrição da dinâmica perceptiva, pois tanto em uma como em outra são os mesmos elementos metapsicológicos que estão em jogo.

Freud enfatiza, ainda, que o sistema Cs. como que espelha o sistema Pcpt., tomando-o como sua realidade sensorial, pois o estímulo é submetido a uma revisão antes de tornar-se sensação consciente. A sobreposição dos sistemas Pcpt. e Cs. permite à consciência exercer uma ação sobre o mundo externo pela fixação da atenção, sendo limitada por uma censura que a separa do pré-consciente e que só é ativada acima de determinado quantum de estimulação. A partir do momento em que o sistema Cs. estabelece uma ligação com os signos lingüísticos, passa a ser também um órgão sensorial das atividades do pensamento, podendo-

se dizer, assim, que a consciência se constituiria na resultante da somatória entre percepção das qualidades internas e percepção das qualidades externas.

Seria de se supor, então, que existem dois sistemas Pcs. interpostos entre a consciência e os sistemas Pcpt. e Ics., segundo as duas superfícies sensoriais? Essa suposição nos leva a cogitar a existência de um duplo processo de revisão do material que aporta ao sistema Cs.. Assim, as qualidades psíquicas seriam submetidas as duas revisões: uma das percepções oriundas do sistema Pcpt. e outra das representações advindas do sistema Ics..

Resumindo as teorizações contidas em "A interpretação dos sonhos", temos que o sistema Pcpt., que é aquele que trava contato direto com o estímulo do mundo externo, é também apresentado como destituído de memória, hipotetizando-se que a consciência surge como que substituindo o traço mnêmico. É de se destacar, porém, que as asserções mais afirmativas nesse sentido são acréscimos ao texto original em notas de 1919 e 1925.

De qualquer modo, é notável a aproximação que Freud faz entre percepção e sonho, como fica evidente no seguinte excerto de "Sobre os sonhos":

"A consideração à inteligibilidade é o que leva à essa elaboração final do sonho, e isso revela a origem dessa atividade. Frente ao conteúdo onírico que tem diante de si, ela se comporta exatamente como o faz nossa atividade psíquica normal, em geral, diante de qualquer conteúdo perceptivo que lhe seja apresentado. Entende esse conteúdo com base em certas representações antecipatórias e o ordena, já no momento de percebê-lo, segundo a pressuposição de que seja inteligível." (Freud, 1901a)

No que se refere aos atos falhos, tomemos um caso descrito por O. Rank e citado por Freud no "Sobre A Psicopatologia Da Vida Cotidiana" a respeito de uma presumível cognição inconsciente, produzindo um ato de excepcional discriminação perceptiva. Nesse caso, uma jovem necessitando de dinheiro,

acaba por encontrar casualmente no chão a quantia desejada. Rank explica esse fato afirmando que a “disposição de busca inconsciente tem muito mais probabilidade de êxito do que a atenção conscientemente dirigida”. (Freud, 1901b).

Relevante neste trecho é a idéia de uma atenção inconsciente, o que implicaria num investimento do sistema Ics. vinculado a um processo de seleção de imagens mnêmicas e à sua comparação com imagens perceptivas externas. Essa colocação de Rank, endossada por Freud, já que a cita integralmente sem comentários, representa uma extensão das assertivas da Carta 52, pois supõe um processo perceptivo inconsciente.

Se admitirmos, além disso, a existência de uma representação antecipatória e de uma revisão secundária da percepção, então como justificar a incompatibilidade entre memória e atividade perceptiva?

Em “Totem e Tabu” encontramos um aprofundamento dessa questão:

“Quando nós, não menos que o homem primitivo, projetamos algo para a realidade externa, o que acontece certamente deve ser o seguinte: estamos reconhecendo a existência de dois estados - um em que algo é diretamente fornecido aos sentidos e à consciência (ou seja, está presente neles) e, ao lado deste, outro, em que a mesma coisa é latente mas capaz de reaparecer. Em resumo, estamos reconhecendo a coexistência da percepção e da memória, ou, em termos mais gerais, a existência de processos mentais inconscientes ao lado dos conscientes.” (Freud, 1913).

Além do reconhecimento da compatibilidade entre percepção e memória, Freud, nesse mesmo livro, avança a idéia de um mecanismo perceptivo inconsciente:

“A psicanálise mostrou que todos possuem, na atividade mental inconsciente, um apparatus que os capacita a interpretar as reações de outras pessoas, isto é, a desfazer as deformações que os outros impuseram à expressão de seus próprios sentimentos.” (Freud, 1913).

Freud admite, aí explicitamente, uma atividade perceptiva inconsciente e provida de memória, o que vem a contradizer algumas de suas idéias anteriores.

Mas a questão se complica ainda mais se analisarmos o seguinte trecho de “O inconsciente”:

“Mas o Ics. é também afetado por experiências oriundas da percepção externa. Normalmente, todos os caminhos desde a percepção até o Ics. permanecem abertos e só os que partem do Ics. estão sujeitos ao bloqueio pela repressão. Constitui fato marcante que o Ics. de um ser humano possa reagir ao de outro, sem passar através do Cs. Isso merece uma investigação mais detida, principalmente com o fim de descobrir se podemos excluir a atividade pré-consciente do desempenho de um papel nesse caso; descritivamente falando, porém, o fato é incontestável.” (Freud, 1915).

Quanto a esse aspecto Freud considera que o conteúdo do sistema Pcs., e por conseguinte também do Cs., é derivado tanto do Ics. como da percepção, mas a dúvida que permanece é saber se esse parentesco habilita o Pcs. a exercer algum tipo de controle direto sobre os conteúdos inconscientes, isto é, se é como o Pcs. intermedia a relação entre Ics. e Pcpt.

Um impulso inconsciente pode cooptar processos pré-conscientes, como na captação dos restos diurnos pela elaboração onírica, desde que haja uma aproximação associativa qualquer; nesse caso pode-se dizer que o inconsciente torna-se “ego-sintônico”, pois entra em sintonia de metas com o ego, utilizando-se dos meios desse para cumprir seus fins. Um índice dessa cooperação seria o ajuste “especialmente perfeito” da ação motora às finalidades propostas.

Dessa forma pode-se dizer que se ao sistema Ics. correspondem as imagens dos objetos, ao sistema Pcs. correspondem os liames entre as percepções e suas representações verbais introduzidas pela prevalência do processo secundário, pois a mediação de uma ação motora verbal permite o relacionamento entre coisas, o que as imagens rememoradas por si só não permitiriam.

Está implícito nesse argumento a noção de um processo secundário, de reconstrução cognitiva que se inicia no concreto pela formação de pensamentos inconscientes, através da percepção de estímulos, e dele, se abstrai, por meio de associações verbais pré-conscientes, em pensamento consciente. No decorrer da elaboração onírica o pensamento inconsciente concretiza-se, novamente, no sonho manifesto e a atividade interpretativa finalmente reconduz à uma abstração do mesmo.

Tomemos agora um trecho do “Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos”:

“A conclusão do processo onírico consiste no conteúdo do pensamento-regressivamente transformado e elaborado numa fantasia carregada de desejo -, tornando-se consciente como percepção sensorial; enquanto isso ocorre, ele passa por uma revisão secundária, à qual toda percepção está sujeita.” (Freud, 1917).

Se a percepção está sujeita a uma elaboração secundária para se tornar consciente, então o que Freud descreve como sistema Cs. (Pcpt.) pode ser entendido como o resultado de uma cognição. E se juntarmos a isso que a percepção é primariamente inconsciente, e para que a cognição tenha lugar há de se supor uma estrutura seletiva, e se considerarmos, ainda que, uma seleção desse tipo só pode ser realizada de acordo com parâmetros ou critérios pré-estabelecidos, isto é, memorizados, então, essa estrutura há de possuir uma memória que selecione a percepção inconsciente segundo determinados critérios para que se torne consciente, de modo análogo à passagem dos pensamentos latentes ao conteúdo manifesto dos sonhos.

Mas que estrutura seria essa? Como se mantem e qual sua dinâmica? Como se organiza e se desenvolve o processo cognitivo inconsciente e os sistemas mnêmicos a ele relacionados? E finalmente qual o papel do sistema Pcs. nesse processo?

Apesar dessas complexas questões suscitadas pelos seus próprios conceitos, Freud não as responde, nem os

desenvolve. Ao contrário, apesar de todas essas considerações persiste em manter a equivalência entre percepção e consciência, sua *primeira teoria da percepção*.

Sintetizando os aspectos levantados até agora, do que poderia ser denominado de *segunda teoria da percepção*, em Freud, temos que a sensação inconsciente é transformada em percepção, através de um processo cognitivo que realiza uma seleção prévia, do material a ser percebido, ou seja, produz um trabalho de filtragem sensorial, transformando as excitações em perceptos (imagens perceptivas), o que poderíamos talvez denominar de animismo ontológico da percepção ou *projeção primária*; essas imagens são captadas pelo processo primário Ics., e para serem conscientizáveis devem ser submetidas a uma nova filtragem exercida pela censura entre o Pcs. e o Cs.. Desse modo, poderiam ser hipotetizados três filtros: um fundante, localizado no Ics.; um primário, situado na fronteira entre os sistemas Ics. e Pcs., e outro secundário na passagem entre Pcs. e Cs..

Somente em 1920, no "Além do princípio do prazer", Freud volta a conceituar o sistema Cs. (Pcpt.), agora já invertido em sistema Pcpt.-Cs., admitindo que a consciência não é a sua única característica definidora. Freud supõe que as excitações que atingem os demais sistemas é que fundam a memória, e que são tanto mais marcantes e sujeitas a fixação quanto menos conscientizáveis forem. Porém, no que se refere ao sistema Pcpt.-Cs. ele não acredita que o mesmo aconteça, por duas razões principais: primeiro, se os traços mnêmicos permanecessem conscientes, todo o tempo, não haveria lugar para novas impressões, pois a capacidade do sistema ficaria esgotada; e segundo, se esses traços mnêmicos fossem inconscientes, demandaria uma explicação, a coexistência de processos conscientes e inconscientes no interior de um mesmo sistema. Se essa última razão for insuficiente, argumenta ele, então supor um sistema Pcpt.-Cs. perderia sentido.

Contudo, não é nessa direção que vão as próprias hipóteses levantadas por Freud, tal como já verificamos? Seria válido inferir daí um processo que vai do registro do

estímulo à sua representação, ou seja, o estímulo primeiro é 'apresentado' para depois ser 'representado'?

É o que nos indica o seguinte trecho de "A negativa":

"Todas as representações se originam de percepções e são repetições dessas. (...) A reprodução de uma percepção como representação nem sempre é fiel; pode ser modificada por omissões ou alterada pela fusão de vários elementos. Nesse caso, o teste de realidade tem de certificar-se de até onde vão tais deformações." (Freud, 1925b).

Mas certificar-se como, se a própria percepção não é esse referencial absoluto de onde emanam as representações relativas, ou seja, também é produto de uma elaboração? Sem dúvida, como muitos autores já assinalaram, o conceito de realidade, mais precisamente o de "teste" ou "prova" de realidade (Realitätsprüfung), na teoria freudiana padece de um sensorialismo acrítico, prestando-se a equívocos na delimitação do campo psicanalítico (Dayan, 1985; Herrmann, 1985; Lacan; 1984).

Analisemos, agora, três metáforas freudianas sobre a percepção, a primeira das quais está no "Além do princípio do prazer", caracterizando o funcionamento dos órgãos dos sentidos:

"Podem ser talvez comparados a tentáculos que estão sempre efetuando avanços experimentais no sentido do mundo externo, e, então retirando-se dele." (Freud, 1920).

A metáfora seguinte encontramos em "Uma nota sobre o 'Bloco Mágico'":

"É como se o inconsciente estendesse sensores, mediante o veículo do sistema Pcpt.-Cs., orientados ao mundo externo, e rapidamente os retirasse assim que tivessem classificado as excitações dele provenientes." (Freud, 1925a).

Porém a questão permanece: como pode o inconsciente estender seus "sensores" utilizando-se do sistema

Pcpt.-Cs. e ainda permanecer inconsciente? E já que é possível a esses “sensores” classificarem as excitações, porque não organizariam o processo perceptual como um todo?

E a última imagem vamos recolher em “A negativa”:

“O ego utilizou um tipo semelhante de apalpação (...) na extremidade sensorial do aparelho mental, em conexão com a percepção dos sentidos, pois (...) a percepção não é um processo puramente passivo. (...) O ego envia periodicamente pequenas quantidades de investimento para o sistema perceptual, mediante as quais classifica os estímulos externos e então, depois de cada um desses avanços experimentais, se recolhe novamente.” (Freud, 1925b).

Parece-nos que essas três imagens, embora referindo-se cada uma a um sujeito diferente, tem um significado comum. Senão, vejamos: a primeira imagem é a dos “tentáculos” e refere-se aos “órgãos sensoriais”; a segunda imagem é a dos “sensores” e diz respeito ao “inconsciente”; a terceira imagem é a da “apalpação”, referindo-se ao “ego”. Se considerarmos que as três imagens são miscíveis, podendo conduzir a um só referente, o mesmo pode ser afirmado em relação aos seus sujeitos? Serão “órgãos dos sentidos”, “inconsciente” e “ego” compatíveis ao se descrever o processo perceptivo? Que dizer de uma proposição assim: partes inconscientes do ego funcionam como órgãos dos sentidos. E se ampliarmos ainda um pouco o escopo dessa proposição: a percepção é uma função do narcisismo. Será que erraríamos muito supondo a fórmula: Percepção=Narcisismo no lugar de Pcpt.=Cs.?

Mas por que o apego de Freud a essa fórmula Pcpt.=Cs.?

Um dos possíveis motivos já foi levantado: as implicações de sua conceituação de *realidade*.

Outro motivo que possivelmente exerceu influência sobre a teorização de Freud sobre a percepção, foi a *telepatia*. Como já colocamos, o ponto de inflexão das teses de Freud sobre percepção foi 1917, ano da publicação do “Su-

plemento”, e o momento da definição de Freud a esse respeito foi 1919, quando é adicionada a fórmula Pcpt.=Cs. ao texto de “A Interpretação Dos Sonhos”. Durante esse mesmo período, e em anos posteriores, o interesse de Freud pela telepatia retornava, chegando até a realizar experiências telepáticas com sua filha Anna e S. Ferenczi, e, imbuído de um espírito de descoberta, acreditava que a telepatia poderia ser o “núcleo de verdade” do ocultismo.

Numa carta a E. Jones, datada de 15/03/1925, Freud assim se expressa:

“Ferenczi esteve aqui recentemente em um domingo. Nós três fizemos experiências com transferências de pensamento.” (Jones, 1989).

Em outra carta a Jones sobre o mesmo tema, quase um ano após (18/02/1926), Freud desabafa:

“Considerações de política (...) refrearam-me muito tempo, mas por fim a pessoa deve mostrar suas cores e precisa se incomodar com escândalos agora tão pouco quanto antes (...).” (Jones, 1989).

Frente à reação adversa de Jones a essa posição, Freud escreve o quê seria a sua última palavra a esse respeito, numa correspondência de 07/03/1926:

“Quando alguém expõe minha queda no pecado, apenas respondo calmamente que a conversão à telepatia é assunto particular meu, tal como meu judaísmo, minha paixão pelo fumo e muitas outras coisas, e que o tema da telepatia é em essência estranho à psicanálise.” (Jones, 1989).

Freud, vale dizer, não se considerava um homem supersticioso e também são muito conhecidas suas advertências quanto a não se misturar a água pura da Psicanálise ao lodo negro do ocultismo, sendo essa, inclusive, uma das razões que contribuíram para o seu afastamento de Jung (Freud & Jung, 1976).

A primeira influência que Freud recebeu quanto aos ditos fenômenos ocultos partiu de Fliess, que com seus biorritmos e numerologia o impressionou de tal modo, que algumas dessas crenças se mantiveram até bem tarde em sua vida, como, por exemplo, a crença que morreria com 61 ou 62 anos de idade (em 1917 ou 1918), e que estava fundada, principalmente, numa coincidência entre uma idade-chave (43 anos, época da publicação de "A interpretação dos sonhos") e seu número telefônico na Berggasse 19 (14362). (Jones, 1989).

Quanto aos aspectos teóricos, a menção inicial a temas relacionados ao ocultismo na obra freudiana é em "A interpretação dos sonhos" (Freud, 1900), mais exatamente em seu Apêndice A ("Uma premonição onírica realizada") que foi escrito em 1899, mas adicionado a essa obra somente em 1941, sendo que o tom que predomina nesse pequeno artigo é o de crítica à veracidade dos sonhos adivinhatórios. A menção seguinte acontece em "A psicopatologia da vida cotidiana" (Freud, 1901b), no seu Capítulo XII - "Determinismo, crença no acaso e superstição-alguns pontos de vista" -, capítulo esse que sofreu um sensível acréscimo em 1910, iniciando um processo de aproximação com as idéias telepáticas e um correspondente distanciamento das concepções sobre percepção inconsciente.

Apesar disso, até esse momento Freud não transparece nenhuma adesão teórica à causa da telepatia e fenômenos afins, dado que o material que encontramos nas obras supra citadas é todo ele trabalhado dentro dos limites do conhecimento psicanalítico, evitando estabelecer um liame entre Psicanálise e ocultismo. Tal quadro se altera com sua progressiva aceitação das teses telepáticas, a ponto de escrever três artigos controversos, embora cautelosos e repletos de reticências, sobre o tema entre 1921 e 1925: "Psicanálise E Telepatia" (Freud, 1921); "Sonhos e telepatia" (Freud, 1922) e a Nota Adicional C - "O significado oculto dos sonhos, incorporada ao "Algumas notas adicionais sobre a interpretação dos sonhos como um todo" (Freud, 1925c). O derradeiro ensaio sobre o tema é a Conferência XXX - "So-

nhos e ocultismo”, contido nas “Novas conferências introdutórias sobre a psicanálise” (Freud, 1933). O primeiro desses estudos sofreu severas críticas de E. Jones e M. Eitingon, o quê dissuadiu Freud de apresentá-lo no Congresso de Berlim em 1922; na verdade, esse trabalho só foi publicado postumamente em 1941. Apesar disso, Freud publica em 1922 um estudo correlato, embora menos ousado.

Freud define os fenômenos telepáticos, ou de transmissão de pensamento, como ele prefere denominá-los, como a “recepção de um processo mental de uma pessoa por outra por outros meios que não a percepção sensorial.” (Freud, 1925c).

Isso significaria que os processos anímicos de um indivíduo poderiam ser transmitidos a outro através do “espaço vazio” sem a mediação da atividade perceptiva, sendo facilitados por uma condição peculiar, uma disposição favorável do aparelho psíquico:

“Com base em certo número de experiências, estou inclinado a concluir que uma transferência de pensamentos desse tipo ocorre de modo particularmente fácil no momento em que uma idéia emerge do inconsciente ou, em termos teóricos, quando ela passa do processo primário para o processo secundário.” (Freud, 1925c).

Será que podemos entender essa afirmação, dentro do viés interpretativo que propomos, como uma passagem da percepção inconsciente para a cognição pré-consciente na comunicação entre instâncias psíquicas, os personagens internos desse contato via transferência de pensamento? Assim, o quê Freud imagina acontecer fora (na “realidade”), aconteceria, ao invés disso, no interior do aparelho psíquico; seria dizer, então, que Freud padeceu do mesmo pecado que criticou em outros (os supersticiosos), de projetar um conteúdo psíquico para o mundo externo?

Em suma, em que pese a tentativa infrutífera de distinguir a transmissão de pensamento da telepatia propriamente dita, buscando uma justificativa teórica para sua ocor-

rência, Freud não escapa do equívoco de procurar no ocultismo a explicação desses fenômenos.

Tal como nos atos falhos, essa explicação reside no próprio sistema perceptual/cognitivo inconsciente e pré-consciente, naquilo que em outras abordagens se convencionou chamar de comunicação não-verbal.

E, em uma carta a Jones, Anna Freud define aquilo em que Freud deveria talvez ter acreditado:

“Nunca me pareceu que ele pessoalmente acreditasse em mais do que a possibilidade de duas mentes inconscientes comunicando-se entre si sem o auxílio de uma ponte consciente.” (Gay, 1989).

Mas, poderia ser perguntado, qual a conexão entre o interesse de Freud pela telepatia e o abandono das teses sobre o aparato perceptual inconsciente? A conexão está em que Freud ao admitir e advogar a telepatia está deslocando o foco do verdadeiro interesse teórico, em função de um apego afetivo a essas experiências ocultas. Pois se algo pode ser verificado, nas manifestações telepáticas, é somente a ocorrência de um processo percepto-cognitivo que se situa fora dos limites da consciência.

Desse modo, quando se afirma que um fenômeno está além da percepção nada mais se diz que ele está fora dos domínios da percepção consciente, isto é, que ele se constitui num processo perceptivo inconsciente.

Outra idéia de Freud, que pode ser conectada a esses aspectos inconscientes da percepção, é o suposto atributo do sistema Pcpt.-Cs. como construtor do tempo e do espaço, seguindo na esteira do apriorismo kantiano, idéia essa que aparece sucessivamente no “Além do princípio do prazer” (Freud, 1920) e em “Uma nota sobre o bloco mágico” (Freud, 1925a). Talvez, a noção do tempo surgindo da atividade descontínua do sistema Pcpt.-Cs. poderia ser entendida como significando que a percepção é um processo não-imediato, quer dizer, necessita uma mediação que transcorra no tempo.

Merecem, ainda, um destaque especial as teorizações presentes num artigo póstumo de S. Ferenczi, escrito em forma de anotações cerca 1920, denominado "Matemática". Nesse artigo Ferenczi explora algumas das particularidades do pensamento freudiano sobre percepção, buscando o fundamento da lógica. Hipotetiza, então, a existência de "filtros" perceptivos que selecionariam as excitações externas caóticas segundo um processo de "triagem" que conteria em si um cálculo; tal cálculo seria a matemática primitiva, inconsciente, que partindo da comparação por semelhança/ diferença, avança até os processos de condensação, altamente abstratos, empregados na ciência da matemática. Nas suas palavras:

"Aquilo que Freud chama uma nova 'tradução' por intermédio do pré-consciente seria tão-só uma filtragem mais recente com base no princípio de equivalência ou de identidade (sentido de realidade). A eliminação do que é diferente mas eventualmente assemelhando-se pela tonalidade do prazer (ou de qualquer outro modo): Lógica." (Ferenczi, 1992).

A importância dessas colocações de Ferenczi é, ainda, maior se considerarmos que ele foi o principal colaborador teórico de Freud e que muitas das idéias que depois germi-naram nos textos freudianos foram primeiro semeados nos encontros e na correspondência entre ambos, tal como na questão da telepatia exposta anteriormente. No entanto, e apesar disso, as perspectivas esboçadas nesse artigo se constituem no embrião de um possível desenvolvimento da *segunda teoria da percepção* em Freud, buscando as implicações de uma atividade cognitiva inconsciente.

Outra menção digna de nota é ao trabalho de J. Varendonck, cujo livro "The Psychology of Day-Dreams" recebeu um prefácio de Freud, que aliás, consta em suas "Obras Completas" (Freud, 1921a), tendo sido também traduzido para o alemão por Anna Freud em 1922. Varendonck busca fundamentar a teoria psicanalítica sobre os sonhos e os atos

falhos através da análise das cadeias associativas presentes no devaneio. O que especificamente nos interessa em seu livro é o Capítulo II, referente à apercepção e ao afeto. Nesse capítulo o autor define o desenrolar do processo perceptivo:

"We understand sensation to be the psychological phenomenon (of affective or representative nature) resulting immediately from an impression made upon the senses. The impression is then the modification of the organs, especially of the nerves the neural centres. Apperception is the operation (spontaneous or voluntary) which identifies sensations with similar previous ones, thanks to the activity of memory. This activity results in perception." (Varendonck, 1921)

Essas são precisamente as idéias contidas na Carta 52, explicitando alguns dos aspectos do que denominamos de segunda teoria da percepção em Freud. Tomemos um outro exemplo do mesmo capítulo, que torna a discussão um pouco mais complexa:

"Freud has been able to reduce several cases of so-called telepathy to the unconscious reactions to fore-conscious perceptions." (Verendonck, 1921)

Freud concordava com essas afirmações contidas em um livro que prefaciou tão elogiosamente? Como conciliar essas assertivas sobre percepção e telepatia com seus textos da mesma época? Sem dúvida, em primeiro lugar, as "considerações de política" em relação à Inglaterra, país onde o livro foi publicado, e cujo ambiente cultural era hostil à inclusão de temas 'ocultos' como literatura científica séria; em segundo lugar, sua própria "ambivalência" quanto a essas temáticas, como ele mesmo acentua no texto de "Psicanálise e telepatia" (Freud, 1921b).

Voltando ao que dizíamos no início, apesar dessas oscilações das teses de Freud sobre percepção, a opinião que acabou prevalecendo dentre a comunidade psicanalítica foi a da igualdade $Pcpt=Cs.$, tal como definida a partir de 1919.

Contudo, outra linha de trabalhos sobre a percepção se iniciava nas proximidades do núcleo psicanalítico, no mesmo período, e dela o próprio Freud nos dá notícia numa nota, também de 1919, contida em “A interpretação dos sonhos”. Trata-se das pesquisas realizadas por O. Pötzl na Clínica Neuro-Psiquiátrica da Universidade de Viena e apresentadas à Sociedade Psicanalítica de Viena, em 1917, sob o título “A relação entre imagens oníricas experimentalmente induzidas e a visão indireta.” (Pötzl, 1917).

Os procedimentos empregados nesses experimentos foram os seguintes: doze sujeitos de ambos os sexos foram expostos à diversas imagens, principalmente de paisagens, através de um taquioscópio ajustado a uma velocidade de exposição de um centésimo de segundo (1/100s.). A seguir era solicitado aos sujeitos que desenhassem o que haviam visto e que anotassem seus sonhos da mesma noite. No dia seguinte os sonhos eram relatados e as imagens desenhadas pelos sujeitos, que eram então confrontadas com o estímulo a que foram expostos e então instados a buscar semelhanças entre o mesmo e seus próprios desenhos.

Nessa nota, Freud considera o trabalho de Pötzl como contendo uma “profusão de implicações”, reconhecendo-o como uma confirmação de sua teoria sobre os resíduos diurnos e destacando dentre seus resultados a denominada “lei de exclusão”:

“Ficou inconfundivelmente demonstrado que os detalhes do quadro exposto que não haviam sido notados pelos sujeitos forneceram material para a construção do sonho, ao passo que os detalhes que tinham sido conscientemente percebidos e registrados no desenho feito após a exposição não se repetiam no conteúdo manifesto do sonho.” (Freud, 1900).

Freud salienta ainda as observações de Pötzl sobre a deformação do material apresentado como estímulo nos relatos de sonhos, conforme a lógica “arbitrária” do inconsciente.

O reconhecimento dos méritos desse trabalho “sui generis” por parte de Freud, num campo ao qual prestou

escassa atenção, ao longo de seus escritos, não implica também num correlato aprofundamento da questão da percepção pré-consciente que os experimentos de Pötzl sugerem.

Após um período de abandono e esquecimento, os estudos de Pötzl voltam a ser retomados por uma linha de pesquisa derivada da Psicologia do Ego norte-americana. Buscando combinar a teoria psicanalítica com o método experimental, e seguindo as indicações dos trabalhos pioneiros (Pötzl, 1917; Allers & Teler, 1924; Malamud & Linder, 1931), a partir da década de 50 várias pesquisas são conduzidas tendo por base a questão da percepção pré-consciente, e dentre elas podemos destacar os trabalhos de Charles Fisher (1954, 1956, 1957). C. Fisher & I. H. Paul (1959a, 1959b), George Klein (1955, 1959) e os de L. Luborsky & H. Shevrin (1956, 1958).

Embora a ocorrência do “fenômeno de Pötzl”, “percepção pré-consciente” ou “registro pré-consciente” seja verificada por esses estudos, seus resultados vem a sugerir uma modificação na “lei de exclusão”, tal como originalmente formulada: também partes conscientemente percebidas, durante a exposição da imagem, vem a fazer parte do sonho manifesto. Isso aponta para um outro fundamento, que não somente o do campo visual, para a seleção das imagens oníricas: a sua insignificância, ou seja, como Freud mesmo indicou, a sua capacidade de dar “cobertura” para pensamentos reprimidos. Em outras palavras, a “lei de exclusão” é um processo ligado ao *sentido* das imagens, e não unicamente à sua *forma* de apreensão.

Vejamos agora a que conclusões chegou essa linha de pesquisa sobre a percepção, que sendo uma atividade que transcorre no tempo, pode ser dividida em quatro fases principais:

“(1) a phase of sensory registration outside of awareness (subliminal registration); (2) a phase of cognitive working over, also occurring outside of awareness, in which the registration becomes a memory trace or is recruited into a pré-existing memory schema; (3) a phase of delayed emergence of the memory image of

the subliminal registration into subsequent dreams and images; (4) a reproductive phase: the verbal report and drawing of the dream or image." (Fisher & Paul, 1959a).

Mesmo a percepção consciente é considerada como ocorrendo dentro desse modelo, originando-se de um registro sensorial inconsciente ao qual é atribuído um sentido segundo os esquemas mnêmicos pré-existentes, para só então ser conscientizada.

Esses estudos contribuíram para a diferenciação proposta por alguns autores (Brakel, 1989; Shevrin, 1980, entre outros), entre dois significados do termo consciência: como um estado de alerta perceptivo (*consciousness*), e como percepção da própria consciência (*awareness*). Porém, por essa senda não chegamos repentinamente ao porto da antiga distinção filosófica entre percepção e apercepção?

Chegando a esse ponto, parece-nos que um círculo se fecha, e encontramos espaço para sondar brevemente as perspectivas filosóficas que vieram a influenciar a Freud nas suas formulações sobre a questão perceptiva.

No campo da filosofia da percepção encontramos nas últimas décadas, do século XIX, um embate que sem dúvida teve influência na formação do jovem Freud: a controvérsia empirismo versus nativismo, cujos principais expoentes foram respectivamente Helmholtz e Hering (Assoum, 1983). A questão básica a ser esclarecida dizia respeito ao papel exercido pelos órgãos sensoriais sobre o conteúdo da percepção, pois enquanto o nativismo adscrevia aos mesmos um valor constitutivo, ao empirismo importava somente a experiência. Poder-se-ia dizer, então, que Freud oscilou entre essas duas teses nas suas teorizações sobre percepção.

Mas essa polêmica não se iniciou aí. Temos que recuar ainda mais para desembocarmos no antagonismo conceitual das filosofias de Locke e Leibniz. E não há como se esquecer de Leibniz ao se discutir percepção inconsciente, pois foi ele exatamente o primeiro filósofo na tradição ocidental a defender os estados mentais inconscientes, em oposição

à tese de Locke que afirmava a consciência como o único estado mental. Na concepção de Leibniz temos uma “infinitude” de percepções a todo momento, sem que ocorra apercepção ou reflexão.

No capítulo IX dos “Novos ensaios sobre o entendimento humano” (1765), que trata especificamente da percepção, Leibniz, na voz de Teófilo, nos propõe uma explicação para o efeito da ilusão causada pela aplicação da perspectiva a um quadro. Como só vemos imagens, argumenta ele, e essas imagens são veiculadas pelos raios de luz que as sustentam, dependendo assim de sua velocidade de propagação, é bem possível que vejamos algo que já não existe; se isso é um fato, então não há uma estrita correspondência entre o objeto e sua visão, pois ele pode ser visto sem existir. Desse modo, se nos enganarmos com a pintura, se antevemos corpos sólidos onde só se situa um plano, é porque julgamos ao perceber, e esses julgamentos inconscientes são contruídos através de *metonímia* e da *metáfora* como sofismas do percebido:

“(...) il y a dans nos jugements tout à la fois une métonymie et une métaphore.” (Leibniz, 1990)

Se pudermos entender a metonímia como correspondendo ao deslocamento e às associações por simultaneidade temporal, e a metáfora à condensação e às associações por similaridade de movimento ou forma, então teremos uma notável aproximação entre essas idéias e a segunda teoria da percepção em Freud, da qual Leibniz, desse modo, poderia ser considerado um legítimo precursor.

Vale ainda dizer que Leibniz é também o primeiro pensador a diferenciar teoricamente as percepções das apercepções, separando a ‘consciência de algo’ da ‘consciência de si’, ou seja, atribuindo dois diferentes significados para descrever o estado de consciência, aproximando-se, assim, das colocações que já expusemos.

Finalizando, a análise do conceito de percepção em Freud e suas repercussões, duas menções são obrigatórias. Em primeiro lugar, as colocações de Lacan, sobre a Carta 52, encontradas nos seminários de 9 e 16 de dezembro de 1959, onde procura demonstrar a interposição de uma estrutura significante entre a percepção e a consciência. Essa mesma discussão é retomada no seminário de 5 de fevereiro de 1964:

“Reevocarei (...) a carta cinqüenta e dois a Fliess, que comenta o esquema que será dito, mais tarde, na Traumdeutung, ótico. Este modelo representa um certo número de camadas permeáveis a algo análogo à luz, cuja refração mudaria de camada para camada. Aí está o lugar em que se joga a questão do sujeito do inconsciente (...), situado entre percepção e consciência, como se diz, entre couro e carne. Vocês sabem que esses dois elementos formarão mais tarde, quando se tratar de estabelecer a segunda tópica, o sistema percepção-consciência, Wahrnehmung-Bewusstsein, mas não se deve esquecer então o intervalo que os separa, no qual está o lugar do Outro, onde o sujeito se constitui.” (Lacan, 1985).

Lacan centra seu raciocínio sobre o conceito freudiano de “representante ideativo” (Vorstellungrepräsentanz), que seria o pensamento inconsciente que representa a pulsão, sendo mediado pela fixação precoce de um sinal por meio de um “recalcamento originário”. Os representantes ideativos seriam, assim, os correspondentes ideais das pulsões na organização inconsciente, constituídos segundo a estrutura do significante

A segunda menção é ao curso de J. Laplanche, reunido nas “Problemáticas”, cujas aulas de 11 de janeiro de 1972, e de 12 e 18 de dezembro de 1979 versam justamente sobre as perspectivas da Carta 52 e seus desdobramentos, no modelo ótico idealizado por Freud em “A interpretação dos sonhos”. Laplanche repensa esse modelo em três dimensões, atribuindo-lhe a forma de uma “tina” (baquet), e reinterpreta a nota acrescida ao texto em 1919 - que coloca a equivalência entre percepção e consciência - do seguinte modo:

“Apesar de sua aparência hermética, essa nota é muito simples: ela nos diz que o esquema (em forma de tina) está ‘desenrolado linearmente’, ou seja, que para representá-lo em sua complexidade inicial, seria preciso tornar a enrolá-lo, de modo que se toquem, se sucedam as duas extremidades: a percepção, por um lado (extremidade esquerda), e a consciência (extremidade direita).” (Laplanche, 1993).

O esquema resultante é o do anel, que circunscrevendo um espaço, torna sem sentido a separação entre mundo interno e mundo externo, visto se inserirem dentro da mesma estrutura.

Como conclusão, poderíamos supor um outro modelo para substituir o sistema Pcpt.-Cs., e que seria o sistema Percepção-Narcisismo. Nesse modelo hipotético o ego, o ego ideal, o superego e o ideal do ego atuariam em conjunto enquanto estruturas discriminantes dos estímulos sensoriais, atribuindo-lhes qualidades segundo padrões imaginários e simbólicos, sendo responsáveis, portanto, pela estruturação cognitiva do fenômeno perceptivo. A dinâmica narcisista, entre o eixo imaginário (ego, ego ideal) e o eixo simbólico (superego, ideal do ego), é que conduziria o processo perceptivo na direção apontada pelo desejo, sendo responsável pelo acréscimo, modificação ou desconsideração de determinados elementos sensoriais, configurando uma cadeia associativa cujo investimento ou contra-investimento determinaria a discriminação perceptiva. Em síntese, se por um lado *eu* (je) sou *aquilo* que percebo (constituição do sujeito/registro simbólico), por outro, através de *mim* (moi) *isso* percebe (formação do ego/registro imaginário).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLERS, R.; TELER, J. (1924). *Über die Verwertung unbemerkter Eindrücke bei Associationen. Ztschr. Neurol & Psychiat.*, 89: 492-513.
- ASSOUND, P.-L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro : Imago.

- BRAKEL, L. W. (1989). *Negative hallucinations, other irretrievable experiences and two functions of consciousness. International Journal of Psychoanalysis*, 70: 461-479.
- DAYAN, G. (1985). *Inconscient et réalité*. Paris : PUF.
- FERENCZI, S. (1992). *Matemática. In: Psicanálise IV/Sándor Ferenczi*. São Paulo : Martins Fontes. p. 186-187.
- FISHER, C. (1954). *Dreams and perception: the role of preconscious and primary modes of perception in dreams formation. J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 3: 389-445
- _____. (1956). *Dreams, images and perception: a study of unconscious-preconscious relationships. J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 4: 5-48, 1956.
- _____. (1957). *A study of the preliminary stages of the construction of dreams and images. J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 5: 5-60.
- FISHER, C.; PAUL, I.H. (1959a). The effect os subliminal visual stimulation on images and dreams: a validation study. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 7: 35-83.
- _____. (1959b). *Subliminal visual stimulation: a study of its influence on subsequent images and dreams. The J. of Nervous and Mental Diseases*, 129(4): 315-340.
- FREUD, S. (1895). *Projeto para uma psicologia científica. In: Obras Completas*, 2ª. ed. Rio de Janeiro : Imago, 1987 (1950). 24 v. v.I. p. 397.
- _____. (1896). *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (Carta 52). In: O.C.*, 2ª. ed. Rio de Janeiro : Imago, 1987 (1950). 24 v., v. I. p. 254-255.
- _____. (1900). *A interpretação dos sonhos. In: O.C.*, 2ª. ed. Rio de Janeiro : Imago, 1987(1899). 24 v. v.IV e V. p. 190 e p. 491-496.
- _____. (1901a). Sobre os sonhos. *In: O.C.*, 2ª. ed. Rio de Janeiro : Imago, 1987. 24 v., v.V. p.596.
- _____. (1901b). *A psicopatologia da vida cotidiana. In: O.C.*, 2ª. ed. Rio de Janeiro : Imago, 1987. 24 v., v.VI. p. 185.
- _____. (1913). *Totem e tabu. In: O.C.*, 2ª. ed. Rio de Janeiro : Imago, 1987. 24 v., v.XIII. p. 117 e p. 188.
- _____. (1915). *O inconsciente. In: O.C.*, 2ª. ed. Rio de Janeiro : Imago, 1987. 24 v., v.XIV. p. 222.
- _____. (1917). *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos. In: O.C.*, 2ª. ed. Rio de Janeiro : Imago, 1987. 24 v., v.XIV. p. 261 e p.264-265.
- _____. (1920). Além do princípio do prazer. *In: O.C.*, 2ª. ed: Rio de Janeiro : Imago, 1987, 24.v., v.XVIII. p. 43.

- _____. (1921a). *Introdução a The Psychology of day-dreams, de J. Varendonck*. In: *O.C.*, 2ª. ed. Rio de Janeiro : Imago, 1987. 24 v., v.XVIII. p. 327-328.
- _____. (1921b). *Psicanálise e telepatia*. In: *O.C.*, 2ª. ed. Rio de Janeiro : Imago, 1987 (1941). 24 v., v. XVIII. p. 221.
- _____. (1922). *Sonhos e telepatia*. In: *O.C.*, 2ª. ed. Rio de Janeiro : Imago, 1987. 24 v., v.XVIII. p. 239-265.
- _____. (1925a). *Uma nota sobre o 'Bloco Mágico'*. In: *O.C.*, 2ª. ed. Rio de Janeiro : Imago, 1987. 24 v., v.XIX. p. 290.
- _____. (1925b). *A negativa*. In: *O.C.*, 2ª. ed., Rio de Janeiro : Imago, 1987. 24 v., v.XIX. p.298-299.
- _____. (1925c). *Algumas notas adicionais sobre a interpretação dos sonhos como um todo*. In: *O.C.*, 2ª. ed. Rio de Janeiro : Imago, 1987. 24 v., v.XIX. p. 170-173.
- _____. (1933). *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*. In: *O.C.*, 2ª. ed. Rio de Janeiro : Imago, 1987. 24 v., v.XXII. p. 45-74.
- FREUD, S.; JUNG, C. G. (1976). *Correspondência completa*. Rio de Janeiro : Imago. p. 482.
- GAY, P. (1989). *Freud: uma vida para o nosso tempo*. São Paulo : Companhia das Letras. p. 404-406.
- HERRMANN, F. A. (1985). *Andaimos do real: o cotidiano*. São Paulo : Vértice.
- JONES, E. (1989). *A vida e a obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro : Imago. 3 v., v.III, p. 385-389.
- KLEIN, G. et al. (1955). *Cognition without awareness: subliminal influences upon conscious thought*. *A. Psychologist*, 10:380.
- KLEIN, G. (1959). *Consciousness in psychoanalytic theory: some implications for current research in perception*. *J. Amer. Psychoanal. Assn.*, 7:5-34.
- LACAN, J. (1984). *Más allá del 'principio de realidad'*. In: *Escritos 1*. México : Siglo Veintiuno. p. 67-85.
- _____. (1985). *Seminário livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro : Jorge Zahar. p. 48.
- LAPLANCHE, J. (1987). *Problemáticas I - A angústia*. São Paulo : Martins Fontes. p. 149-162.
- _____. (1993). *Problemáticas V - A tina: A transcendência da transferência*. São Paulo : Martins Fontes. p. 32-77.
- LEIBNIZ, G. H. (1990). *Nouveaux essais sur l'entendement humain*. Paris : GF-Flammarion (1765). p. 106.
- LUBORSKY, L; SHEVRIN, H. (1956). *Dreams and day-residues: a*

- study of the Poetzl observation. Bulletin of The Menninger Clinic*, 20(3): 135-148.
- _____. (1958). *The measurement of preconscious perception in dreams and images: an investigation of the Poetzl phenomenon. J. Abn.Soc.Psychol.*, 56(3):285-294.
- MALAMUD, W.; LINDER, F.E. (1931). *Dreams and their relationship to recent impressions. Arch.Neurol. & Psychiat.*, 25:1081-1099.
- POTZL, O. (1917). *Experimentell erregte Traumbilder in ihren Beziehungen zum indirekten Sehen. Ztschr. f. Neurol. & Psychiat.*, 37:278-349.
- SHEVRIN, H. (1980). *The psychological unconscious: a necessary assumption for all psychological theory? Am.Psychologist*, 35(5):421-434.
- VARENDONCK, J. (1921). *The psychology of day-dreams*. London: G. Allen & Unwin. p. 219 e 230